

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

A CIDADE É UMA FESTA: NOTAS PRELIMINARES ACERCA DA INTER-RELAÇÃO ENTRE
URBANIZAÇÃO, FESTAS FOLCLÓRICAS E ESPAÇOS DA MIGR

Fabíola Rodrigues (Unicamp)

A Cidade É Uma Festa: Notas Preliminares Acerca da Inter-Relação entre Urbanização, Festas Folclóricas e Espaços da Migração Paulista.

I – Resumo

Esse trabalho se baseia no pressuposto de que o (re)conhecimento da dinâmica social paulista, ao longo do século XX, acha-se permeado por uma relação entre a mobilidade espacial da população e os seus compartilhamentos culturais (i)materiais. Isso significa dizer que a formação e, sobretudo, a consolidação de um caráter paulista se acham fortemente associados a representações sociais do mundo rural, que ganharam novas significações no urbano, especialmente nos últimos cinquenta anos, quando o Estado de São Paulo ingressa numa trajetória de acelerada urbanização. Nesse sentido, esse texto pretende evidenciar a inter-relação dos fluxos migratórios dirigidos ao Estado de São Paulo, advindos de outras UF's do país, especialmente entre os anos 1970-2000, e a presença de repertórios culturais associados a esses deslocamentos de população, através do mapeamento dos repertórios culturais populares no Estado de São Paulo, especialmente das Festas Folclóricas, amplamente disseminadas pela malha paulista.

II - Introdução

A hipótese de que a dinâmica social paulista se acha permeada por uma relação entre os deslocamentos populacionais e os compartilhamentos culturais imateriais dentre as populações, de cuja dinâmica ao longo dos últimos quatro séculos emergiu a conformação da malha paulista tal qual a conhecemos hoje, constitui o panorama de fundo desse trabalho.

Contudo, em virtude da ainda incipiente aproximação entre estudos culturais, estudos urbanos e estudos de população, a temática aqui proposta – a da possível inter-relação entre a distribuição espacial dos migrantes em São Paulo e a presença de repertórios culturais populares que lhes são associados nos espaços urbanos ocupados por esses migrantes – faz-se bastante delicada, demandando o investimento em fontes de dados pouco exploradas e com sensíveis limitações e, mais do que isso, exigindo um esforço analítico capaz de articular devidamente a natureza fortemente qualitativa das informações concernentes à dinâmica

cultural paulista, frente a todo o acúmulo técnico-científico presente na organização das fontes de dados demográficos.

III – A Cidade É Uma Festa: Primeiras aproximações entre Urbanização, Demografia e Cultura.

3.1) A Festa é um Monumento

“... as festas no Brasil, desde o período colonial constituíram importante mediação entre os homens e a natureza, entre eles e seus deuses, entre o povo e o Estado com seus representantes” (AMARAL, 1998, p.73)

A pergunta fundamental que aqui se coloca é prosaica, porém eivada de desdobramentos complexos: o que é a festa? . Evidentemente, não se intenta aqui uma investigação vigorosa e profunda, mas, de todo modo, não se pode inquirir as “virtudes heurísticas” de um objeto sem compreender, ao menos um pouco, sua dimensão histórica.

Sob esse aspecto, Durkheim, em “As Formas Elementares da Vida Religiosa” fornece-nos pistas importantes:

“toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características da vida religiosa, pois, em todos os casos, ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso (...) Enfatiza-se freqüentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento (...) não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados” (DURKHEIM, 1968, p.p 547-8, apud AMARAL, 1998, p. 25).

A exegese de Durkheim é clara: a festa (independentemente se laica ou religiosa) tem três características basilares que a situam em posição privilegiada no mundo social, quais sejam: a) a festa aproxima os indivíduos; b) suscita um estado de efervescência coletiva; c) enseja a transgressão das normas coletivas.

Essa constatação é importante porque ela alicerça as inúmeras teorias posteriores acerca da “função” das festas na vida social, que recaem, com muita ênfase, na idéia de que as festas são um poderoso instrumento de catarse coletiva e de inversão, consentida e temporária, das normas e hierarquias que conformam as estruturas sociais.

Na festa, o indivíduo é capturado pelo coletivo que lhe domina; nessas circunstâncias, por meio das transgressões, as regras e as crenças da vida grupal são reafirmadas, tornando possível a vida em sociedade (AMARAL, 1998).

Esse sentido “restaurador” da ordem e das instituições atribuído à festa é recuperado e ampliado por Del Priore (2000), que postula:

“expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam (...) tem importante função social: permitem às crianças e aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. (...) A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças” (p. 10)

Nesse sentido, Del Priore escancara a tensão coesão/dissolução inscritos nesse “artefato” permeado de ambigüidades; a festa é, pois, portadora de virtualidades poderosas: *epifenômeno do congraçamento* (*idem, ibidem*), ela também o é espaço de afirmação e ostentação das desigualdades; espaço da mitigação da dor e do sofrimento da vida cotidiana, é também espaço da violência e dos (des)afetos exacerbados pela aparente dissolução das regras e hierarquias; espaço de espetacularização dos excessos, é também espaço em que se corroboram as normas e a normalidade...

De todo modo, uma dimensão que parece ser recorrente nos estudos acerca das festas e folguedos populares no Brasil (AMARAL, 1998; BRANDÃO, 1983; 1989; CÂNDIDO, 1975; DEL PRIORE, 2000; RIGAMONTE, 1997; ZALUAR, 1983) e que se revela virtuosa a uma investigação acerca das inter-relações possíveis entre deslocamentos populacionais e ubiqüidade de certas categorias dos repertórios culturais populares, é exatamente àquela referida ao poder simbólico da festa no sentido de reafirmar os laços sociais e de solidariedade, da mesma forma que sua capacidade de mobilizar afetos.

A capacidade de colocar os afetos *em relação* na vida social enseja, também, a apreensão de um outro sentido que parece ser caro à hipótese de uma afinidade entre espacialização da população e presença de certos tipos de festas nesses espaços: a festa, além de espetáculo do exagero e de epifenômeno do congraçamento, adquire, entre nós, o caráter de monumento.

Etimologicamente, monumento deriva do latim, *monumentum*, que significa “lembrar”; ou, ainda, de maneira mais precisa, o monumento é aquilo que evoca a lembrança de alguma coisa.

O conceito parece profícuo, pois no monumento a dimensão afetiva é fundamental (trata-se de tocar pela emoção a memória); nesse sentido, a especificidade do monumento deve-se, exatamente, ao seu modo de atuação sobre a memória, à sua capacidade de invocá-la, de vibrá-la, de colocá-la em movimento.

De fato, segundo Choay (2001), “*o monumento assegura, acalma, tranqüiliza (...) Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos*” (p.18).

Conceito caro ao campo do patrimônio cultural (do qual, de todo modo, as festas constituem objeto de estudo e análise), a idéia da festa como monumento pode ser uma chave explicativa fecunda, pois na qualidade de suporte da *memória orgânica (idem, ibidem)*, o que significa dizer, como suporte de referências mutuamente compartilhadas por um grupo, a festa-monumento aciona os afetos, mitigando as incertezas e reafirmando a centralidade do grupo e das normas que lhe são intrínsecas, plasmando identidades, diferenciações e desigualdades que são elas mesmas o motor de (re)produção das cidades.

Aliás, essa percepção da função memorial da festa, de sua capacidade de estabelecer um elo simbólico poderosamente eficaz entre o “aqui” e o “lá”, de prolongar a duração do espaço-tempo a que o imaginário e a memória dos migrantes estão referidos, e que é e foi fundamental para sua permanência nas (grandes) cidades, não é estranha à bibliografia sobre festas populares no Brasil.

Emblematicamente, Brandão (1989) dirá que “*a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem*” (p. 8), evidenciando sua força como símbolo, alegoria, enfim, monumento: a festa é, portanto, “*o lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado...*” (*idem, ibidem*).

Assim, o que se pretende explorar a partir desse breve intróito acerca da significação social da festa é a sua “aderência”, enquanto monumento, aos deslocamentos de população, já que à medida que as populações circulam, seus repertórios, práticas, valores e saberes também se movem conferindo alma e sentido às cidades..

Desse modo, resta saber até que ponto o processo de urbanização e a concentração dos migrantes nos *espaços da migração paulista* (BAENINGER, 2005) se fazem acompanhar pelas festas populares.

3.2) O Circuito das Festas Folclóricas nos Espaços da Migração: as populações circulam, as festas se movem.

“a festa não quer mais do que essa contida gramática de exageros com que os homens possam tocar as dimensões mais ocultas de sua própria difícil realidade” (BRANDÃO, 1983, p. 17)

A presença de 23 festas folclóricas diferentes em 170 municípios paulistas parece-nos suficientemente reveladora da importância dos compartilhamentos socioculturais imateriais no cotidiano das populações e na (re)produção social das cidades.

Muito embora o intenso processo de urbanização (MARTINE, 1982) que se operou no Estado de São Paulo, especialmente a partir da década de 1960 tenha alterado fortemente as práticas sociais da população paulista, o acúmulo de repertórios culturais populares associados aos valores do universo rural e a um modo de vida caipira se acham presentes na cultura material e nos compartilhamentos simbólicos das camadas populares, nos municípios paulistas, ainda que re-significados no interior de novos e heterogêneos contextos urbanos.

Apresentam-se, a seguir, dois mapas que nortearão a análise que aqui se pretende fazer acerca da distribuição espacial dos migrantes que fixaram residência no Estado de São Paulo e do conjunto de festas folclóricas inventariadas na malha paulista, pelo Guia Cultural-2003¹.

Primeiramente, o mapa 1 situa a localização das 15 mesorregiões² que compõem a malha paulista, unidade espacial através da qual se mapeará a origem dos migrantes vindos para São Paulo na última década e também do conjunto daqueles que se declararam “não-naturais” da UF SP, independentemente do tempo de residência na UF SP e em suas mesorregiões, no Censo Demográfico-2000.

O mapa 2, por seu turno, mostra-nos a localização espacial das 23 festas de caráter folclórico elencadas como repertório do Patrimônio Cultural em 170 municípios cadastrados no Guia Cultural do Estado de São Paulo – 2003.

Nesse mapa é possível visualizar a nítida concentração de festas nas porções norte e noroeste do Estado de São Paulo (equivalendo às mesorregiões de Araçatuba e São José do Rio Preto), bem como a prevalência das “Folias de Reis” em toda a malha, disparadamente a mais disseminada festa folclórica presente em São Paulo.

É bastante interessante notar que as “Folias de Reis” se acham fortemente presentes em toda a malha paulista, seja no extremo noroeste (com destaque para a mesorregião de São José do Rio Preto), seja na porção leste do Estado (notadamente as mesorregiões de Campinas

e Vale do Paraíba), revelando o quanto a religiosidade (trata-se de uma representação da visita dos três reis magos ao menino Jesus) se acha imbricada nas expressões culturais populares.

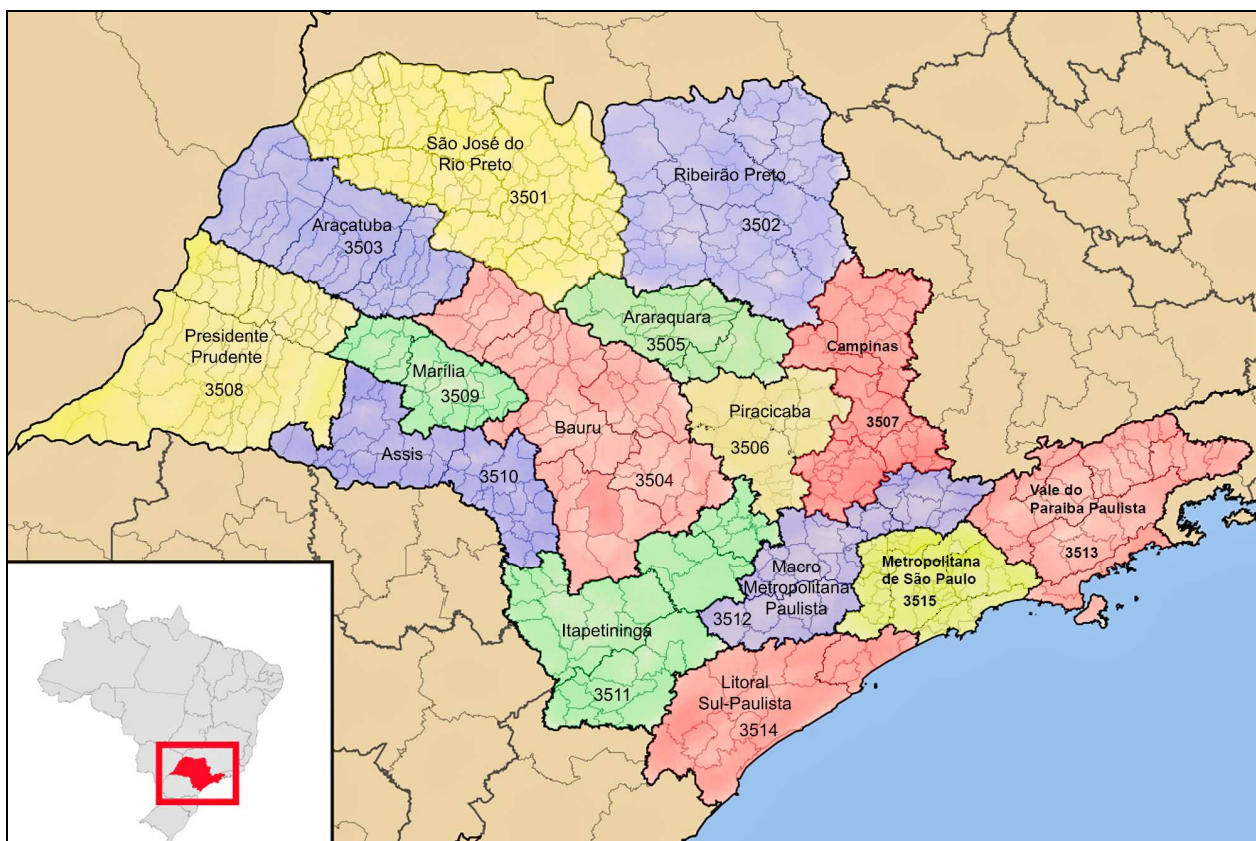
Também foram bastante reportadas as “Festas Japonesas” (especialmente Bon-Odori e Undókai), concentradas visivelmente na porção oeste do estado (mesorregião de Presidente Prudente e Assis), notadamente um dos últimos rincões da fronteira agrícola paulista e que mais tardiamente recebeu a presença da migração japonesa, onde muito provavelmente a memória social dessa população migrante se encontra, ainda, viva e personificada.

A concentração das festas se fez presente, também, no âmbito das “Festas Boiadeiras”, visivelmente aglutinadas na porção norte do estado (mesorregião de Ribeirão Preto), particularmente na região Administrativa de Barretos e Franca, onde certamente a proximidade com o Estado de Minas Gerais contribui para a constituição histórica de uma identidade “tropicista”, mutuamente compartilhada e referida a um passado ainda colonial (HOLANDA, 1945).

Há, ainda, uma recorrência bastante interessante de “Festa das Nações”, com leve concentração na região sudeste do estado, particularmente na mesorregião de Campinas.

Do mesmo modo, mesmo que em menor volume, visualizamos uma concentração de “Festa do Tropeiro”, “Cavallhada”, “Congada” e “Festa de São Benedito” na mesorregião do Vale do Paraíba, onde não só a exploração turística dessas festas certamente contribui em larga medida para sua sobrevivência, mas também as características da ocupação dessa área (de colonização mais antiga no interior da malha paulista) e, claro, a própria composição de sua população (donde não se deve esquecer a enorme importância assumida pelas populações africanas) “perpetuam” essas manifestações.

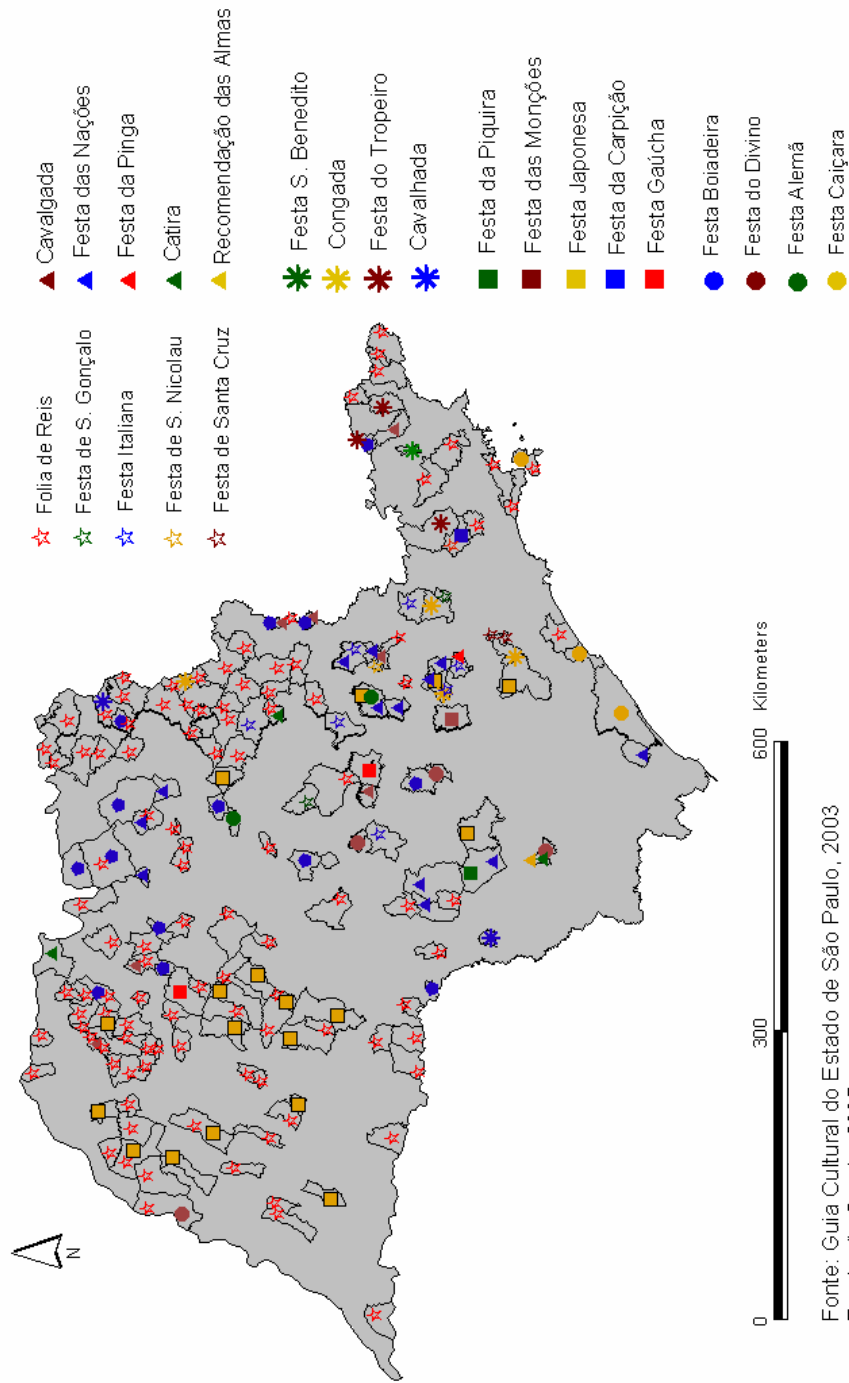
Mapa 1:
Divisão Físico-Territorial do Estado de São Paulo
Mesorregiões de São Paulo
2000



Fonte: Atlas Cartográfico do Censo Demográfico-2000; IBGE, 2006.

Mapa 2:
Festas Folclóricas
Malha de Municípios Seleccionados (Estado de São Paulo)
2003

**Festas Folclóricas
Estado de São Paulo - 2003**



Fonte: Guia Cultural do Estado de São Paulo, 2003
Fundação Seade, 2005
IBGE, Base de Informações Municipais, Malha Digital, 1997.

A análise do mapa de espacialização das festas folclóricas permite perceber a existência de formas de expressões culturais populares fortemente assentadas em representações do mundo rural (trata-se, em larga medida, de expressões do catolicismo tradicional) em um contexto urbano, possível provavelmente porque, incorporadas ao longo da formação social, urbana e demográfica desses municípios, essas referências e suas populações transformaram-se ao longo do tempo, incorporando novos elementos às suas tradições, novos modos de representar seu passado, sua herança e valores culturais, inclusive, dotando-lhes de valor econômico no mercado de bens simbólicos, ou seja, incorporando-se à indústria cultural e ao modo de produção capitalista, cujo *locus* por excelência é o urbano.

Atentemo-nos, pois, para o que diz Brandão (1989):

“Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão. Bailes e forrós, pagodes antigos e danças de catira ou jungo concorrem com as apresentações mais modernas de ‘shows sertanejos’ e rodeios, com escolha da rainha da festa” (p. 13)

Nesse contexto, é possível aventar que a espacialização da população migrante no estado de São Paulo coincidiria com a espacialização dos repertórios culturais populares paulistas, apontando para a intrínseca relação entre fixação da população e desenvolvimento de formas complexas de identidades e representações sociais no mundo urbano.

O exercício simples de superposição das informações constantes no mapa 2, que apresenta a espacialização das festas folclóricas, e a tabela 1, que apresenta os migrantes no Estado de São Paulo, em 2000, segundo sua naturalidade (informação capaz, portanto, de apreender os migrantes recentes, mas também os de longa data) já é bastante revelador: ao mesmo tempo em que percebemos a predominância de festas permeadas pela religiosidade tradicional, como as “Folias de Reis” e as demais festas de santos (São Benedito, São Gonçalo, São Nicolau, Santa Cruz, Festa do Divino), ou, ainda, as festas fortemente calcadas no memento de uma identidade tropeira, como as Festas Boiadeiras (a despeito de sua nítida apropriação pela indústria cultural) e as Cavalgadas, ou por fim, as festas étnicas, como as “Congadas” (herança de escravos africanos) e a “Festa Japonesa”, tão disseminada no noroeste paulista, percebemos a nítida predominância de migrantes nordestinos (especialmente baianos e pernambucanos), mineiros e paranaenses em São Paulo.

Ora, se recuarmos para um passado colonial, a partir de uma perspectiva da cultura, o que resgataremos em Minas Gerais e Bahia senão o caboclo e o mulato herdeiros de inúmeros cruzamentos inter-étnicos, mas também da hibridação de culturas, como a européia (com suas

expressões do catolicismo tradicional, suas procissões, festas de padroeiro e cortejos) e a africana (com seus rituais, musicalidade e suas dança), ou a indígena (com suas pajelanças, e o ensinamento sagrado do valor da lida com a terra)? . O que recuperaremos no Paraná, já no século XX, uma das últimas fronteiras agrícolas de expansão do café, senão um enorme volume de migrantes de ascendência japonesa e um conjunto de referências culturais que lhe são associadas?

Efetivamente, parece-nos bastante forte a associação entre repertórios da cultura popular tradicional, donde destacamos as festas folclóricas, e os fluxos migratórios mais importantes que constituíram a população paulista ao longo do processo de formação socioespacial de seus municípios.

Nesse sentido, a análise da tabela 1 nos mostra que, em 2000, os nativos de São Paulo constituíam aproximadamente 75% de sua população, figurando os naturais de Minas Gerais como o fluxo de migrantes inter-estaduais mais importante (aproximadamente 5,2% da população paulista), seguido pelos baianos (4,8% da população) e pelos paranaenses (3,2% da população).

A importância de mineiros, baianos e paranaenses dentre os migrantes advindos para São Paulo é reforçada pela tabela 2, que nos mostra a participação percentual dos migrantes recentes (aqueles que residiam em outra Unidade da Federação (UF) em 1995) advindos de Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e Bahia no total dos migrantes recentes com residência fixada no Estado de São Paulo, em 2000.

Assim, temos que esses quatro fluxos (de mineiros, paranaenses, baianos e pernambucanos) somados totalizam cerca de 56% dos migrantes recentes advindos para São Paulo e que, dentre todos os fluxos recentes recenseados em São Paulo, o de baianos é o mais importante (21,63%), seguido pelo fluxo de mineiros (13,92 %), pernambucanos (10,26%) e de paranaenses (10,24%).

Tabela 1:
Condição de Naturalidade
São Paulo
2000

UF	Volume	%
Rondônia	12 063	0,033
Acre	2 962	0,008
Amazonas	9 758	0,026
Roraima	610	0,002
Pará	40 825	0,110
Amapá	1 232	0,003
Tocantins	5 945	0,016
Maranhão	118 586	0,320
Piauí	252 904	0,683
Ceará	538 197	1,453
Rio Grande do Norte	148 143	0,400
Paraíba	385 059	1,040
Pernambuco	1 138 182	3,073
Alagoas	409 455	1,106
Sergipe	182 494	0,493
Bahia	1 810 929	4,890
Minas Gerais	1 902 322	5,136
Espírito Santo	56 489	0,153
Rio de Janeiro	231 156	0,624
São Paulo	27 862 394	75,232
Paraná	1 185 683	3,201
Santa Catarina	62 110	0,168
Rio Grande do Sul	79 611	0,215
Mato Grosso do Sul	96 539	0,261
Mato Grosso	59 272	0,160
Goiás	68 715	0,186
Distrito Federal	21 788	0,059
Brasil s/ especificação	8 089	0,022
Exterior	343 944	0,929
Total	37 035 456	100,00

Fonte: Elaborado a partir do Censo Demográfico-2000.

Tabela 2:

Pessoas Não Naturais Residentes no Estado de São Paulo, Segundo Unidades da Federação (UFs) de Residência Anterior (em 31.07.1995)

UFs de Residência Anterior (1995)	Volume	%
Paraná	131 294	10,24
Minas Gerais	178 422	13,92
Bahia	277 306	21,63
Pernambuco	131 488	10,26
Sub-total	718 510	56,05
Total	1 281 816	100

Fonte: Elaborado a partir do Censo Demográfico-2000.

De todo modo, a despeito da importância de conhecermos a participação percentual dos migrantes inter-estaduais advindos para São Paulo seja no total da população, seja no total de migrantes recentes, a informação que efetivamente pode nos propiciar checar a “aderência” entre fluxos migratórios e festas folclóricas em São Paulo é àquela relativa à distribuição espacial desses fluxos pelas mesorregiões paulistas.

Isso porque, evidentemente, os fluxos tanto de longa data quanto recentes, seja de mineiros, baianos, paranaenses ou pernambucanos não se distribuí igualmente em São Paulo, ocorrendo concentração de determinados fluxos em certos pontos, do mesmo modo que as festas folclóricas também se agrupam de modo diferenciado no interior da malha paulista. Finalmente, resta saber se os pontos que conformam diferentes espaços da migração em São Paulo podem ser de algum modo, associados à espacialização das festas folclóricas.

Destarte, na tabela 3, encontramos a condição de naturalidade dos não naturais da UF São Paulo para cada uma das mesorregiões paulistas. Pode-se notar aqui a forte concentração de baianos nas mesorregiões de São José do Rio Preto (25,82% dos não naturais na mesorregião), na Metropolitana de São Paulo (23,58 dos não naturais na mesorregião) e Araçatuba (21,43% dos não naturais na mesorregião); ora, nessas três regiões e mais flagrantemente nas mesorregiões de São José do Rio Preto e Araçatuba há forte presença das “Folias de Reis”, celebração ligada ao catolicismo tradicional, muito recorrente na Bahia e em Minas Gerais.

Igualmente, a presença dos mineiros dentre os não naturais da UF SP ganha destaque nas mesorregiões de Ribeirão Preto (49,23% dos não naturais na mesorregião), Vale do Paraíba (44,03% dos não naturais na mesorregião) e em Campinas (32,53% dos não naturais na mesorregião) e é exatamente nessas regiões que novamente encontramos a “Folia de Reis”

(notadamente nas mesorregiões de Campinas e Ribeirão Preto), as “Festas Boiadeiras” (sobremaneira na mesorregião de Ribeirão Preto) e a Festa Tropeira (presente na mesorregião do Vale do Paraíba).

Efetivamente, a ligação econômica, social, política, cultural e demográfica que se estabeleceu entre São Paulo e Minas Gerais, ainda no período colonial, através da economia de abastecimento aparece aqui com muita clareza, pois é inegável (até mesmo pela proximidade física dessas mesorregiões com o Estado de Minas Gerais, o que por certo facilita as trocas) que uma cultura “tropeira”, tão significativa em São Paulo como em Minas Gerais, marcada pela relevância que o rebanho, a solidão das longas viagens e a crença nos santos protetores tenha sido elaborada justamente na confluência dos deslocamentos entre as populações desses dois estados, deslocamentos esses engendrados pelas trocas requeridas pelas dinâmicas econômicas e da urbanização.

No que diz respeito ao fluxo dos paranaenses, observamos que este assume maior relevo nas mesorregiões de Assis (54,93% dos não naturais na mesorregião), Itapetininga (50,64% dos não naturais na mesorregião) e Araraquara (33,48% dos não naturais na mesorregião), onde juntamente com a “Folia de Reis” e a “Festa Boiadeira”, há significativa presença da “Festa Japonesa”.

A aderência entre migração e festas folclóricas nos diferentes espaços da migração é exemplar quando se trata do fluxo dos paranaenses: região cuja ocupação é devedora da expansão da fronteira agrícola (MARTINE, 1982), no Paraná há presença significativa de paulistas e mineiros, que retornados a São Paulo trazem consigo as referências da religiosidade e do modo de vida caipira (BRANDÃO, 1983) tão significativos nesses dois estados e cujas expressões mais recorrentes são as festas de santos (notadamente a “Folia de Reis”) e a festa tropeira por excelência, a “Festa Boiadeira”.

É também notável a presença das “Festas Japonesas” nos espaços da migração paranaense no estado de São Paulo, pois o Paraná recebeu contingentes importantes de japoneses que, tardiamente vindos para São Paulo (especialmente entre as décadas de 1940 e 1950) (BASSANEZI, 1992) acompanharam a expansão da fronteira agrícola da cafeicultura, que, num primeiro momento foi mobilizada para a colonização desse estado (*idem, ibidem*), de modo que a incorporação de alguns valores, práticas e sobremaneira festas relacionados à cultura japonesa entram na bagagem desses paranaenses, que também fixam residência nas mesmas áreas ocupadas pelo fluxo tardio de japoneses em São Paulo, precisamente a porção

oeste do Estado de São Paulo, abrangendo as mesorregiões de Presidente Prudente, Assis, Bauru e Marília.

Com relação aos pernambucanos, estes se concentram especialmente na mesorregião Metropolitana de São Paulo (15,37% dos não naturais na mesorregião), Litoral Sul Paulista (11,56% dos não naturais na mesorregião) e Araraquara (9,94% dos não naturais na mesorregião). De fato, a presença dos pernambucanos na mesorregião Metropolitana de São Paulo é historicamente notável, mas chama a atenção sua forte concentração no litoral sul paulista e em Araraquara, provavelmente reflexo do processo de redistribuição espacial da população da área metropolitana de São Paulo que, se por um lado, é ainda hoje o maior pólo receptor de população no estado e até mesmo no país, sua capacidade de retenção dessa população vem diminuindo sistematicamente, a ponto da capital paulista perder nas trocas migratórias com praticamente todas as regiões de governo paulistas (BAENINGER, 2005).

No entanto, se nos espaços da migração pernambucana é possível encontrar “Festa de Santa Cruz” e “Folia de Reis”, manifestações ligadas ao calendário das festas do catolicismo tradicional, que, de toda forma compõem o repertório cultural e o imaginário social desses migrantes (RIGAMONTE, 1997), por outro lado, parece que a variável “festas folclóricas” foi menos sensível ao fluxo migratório dos pernambucanos, para os quais as festas juninas, especialmente o São João assumem relevância central na vida social, visto que contingentes numerosos de nordestinos e, especialmente pernambucanos, deslocam-se todos os anos de São Paulo em direção ao Nordeste para participar das festas de São João, que encerram o calendário agrícola, consagrando o tempo da colheita (BRANDÃO, 1983; RIGAMONTE, 1997), momento que não é de pouca importância para esse grupo, que exemplar da “circularidade” da migração, vivencia seu espaço de vida entre São Paulo e Pernambuco, alternando o trabalho urbano com a lida na terra, junto de seus familiares, em seu lugar de origem (*idem, ibidem*).

Tabela 3:

Condição de Naturalidade dos Não Naturais da UF SP, segundo Principais UFs de Nascimento

Mesorregiões de São Paulo

2000

Mesorregiões	Principais UFs de Nascimento								Total Não Naturais
	PE	%	BA	%	MG	%	PR	%	
Araçatuba	6.403	7,35	18.667	21,43	12.974	14,90	12.209	14,02	87.102
Araraquara	11.160	9,94	17.560	15,64	20.214	18,00	37.607	33,48	112.311
Assis	2.872	4,07	4.778	6,77	11.031	15,64	38.747	54,93	70.536
Bauru	12.379	8,21	18.400	12,20	27.034	17,93	52.337	34,71	150.786
Campinas	43.706	5,76	83.539	11,02	246.620	32,53	200.961	26,51	758.157
Itapetininga	3.952	5,67	5.791	8,31	9.111	13,07	35.303	50,64	69.707
Litoral Sul Paulista	9.435	11,56	14.877	18,23	15.444	18,93	11.364	13,93	81.602
Macro Metropolitana									
Paulista	41.178	8,86	56.160	12,08	106.167	22,83	142.377	30,62	464.942
Marília	4.830	8,82	9.983	18,24	11.662	21,31	12.802	23,39	54.734
Metropolitana de SP	927.588	15,37	1.422.798	23,58	965.425	16,00	432.503	7,17	6.035.050
Piracicaba	14.333	6,59	27.370	12,58	61.549	28,28	58.434	26,85	217.636
Presidente Prudente	12.090	8,54	20.682	14,61	21.400	15,12	34.199	24,16	141.534
Ribeirão Preto	14.640	4,00	36.372	9,93	180.291	49,23	56.901	15,54	366.210
São José do Rio Preto	7.230	4,80	38.897	25,82	31.961	21,22	23.788	15,79	150.627
Vale do Paraíba Paulista	26.388	6,40	35.055	8,51	181.439	44,03	36.151	8,77	412.127

Fonte: Elaborado a partir do Censo Demográfico-2000.

Finalmente, a tabela 4 nos apresenta a participação percentual dos migrantes recentes segundo as principais UFs de origem, no total dos migrantes recentes (ou seja, no conjunto daqueles que residiam em outra UF, em 1995) em cada uma das mesorregiões paulistas. O que se nota aqui é, de modo geral, a preservação dos espaços da migração em São Paulo para cada um dos quatro principais fluxos migratórios, o que vem a corroborar as análises feitas a partir da tabela 3, acerca de uma possível relação entre a distribuição espacial das festas folclóricas (entendidas, concomitantemente, como monumentos, ou seja, suportes da memória orgânica, e como mecanismo simbólico de afirmação dos laços sociais e de solidariedade entre os grupos de migrantes) e a distribuição espacial dos migrantes na malha paulista.

Efetivamente, o cruzamento das informações sobre a configuração de espaços preferenciais (dentre os diversos fluxos migratórios) da migração em São Paulo, com as informações acerca da localização espacial das festas folclóricas, conforme fornecido pelo Guia Cultural-2003, parece oferecer indícios consistentes de que há pertinência na hipótese de uma associação entre distribuição espacial dos migrantes (recentes e de longa data) na malha paulista e distribuição espacial das festas folclóricas, ensejando, para futuros trabalhos, uma investigação em profundidade da capacidade das festas, enquanto monumentos, de induzir, manter ou avivar as redes sociais de apoio, tão centrais no mundo social dos migrantes pobres.

Tabela 4:

Pessoas Não Naturais Residentes na UF SP, Segundo Principais UFs de Residência Anterior (em 31.07.1995).
Mesorregiões de São Paulo
2000

Mesorregiões	Principais UFs de Nascimento								Total
	PE	%	BA	%	MG	%	PR	%	
Araçatuba	321	2,39	1.028	7,64	1.111	8,26	1.752	13,02	13.456
Araraquara	1.807	9,75	3.565	19,23	2.099	11,32	4.393	23,70	18.536
Assis	135	1,30	342	3,29	597	5,75	6.275	60,44	10.383
Bauru	1.311	6,15	2.227	10,45	1.860	8,73	5.945	27,90	21.309
Campinas	5.967	5,14	14.971	12,89	26.527	22,84	23.992	20,65	116.161
Itapetininga	665	5,37	978	7,90	1.013	8,18	5.666	45,77	12.380
Litoral Sul Paulista	704	6,42	2.018	18,41	1.684	15,36	2.234	20,38	10.960
Macro Metropolitana									
Paulista	5.705	8,19	11.333	16,28	10.616	15,25	17.603	25,28	69.620
Marília	57	0,92	251	4,04	606	9,76	2.133	34,35	6.210
Metropolitana de SP	105.136	13,23	216.852	27,29	76.006	9,57	34.794	4,38	794.606
Piracicaba	2.349	7,19	4.200	12,85	7.302	22,34	6.262	19,16	32.683
Presidente Prudente	452	2,39	462	2,44	832	4,40	6.789	35,87	18.926
Ribeirão Preto	1.805	3,12	6.464	11,16	22.990	39,70	5.070	8,75	57.916
São José do Rio Preto	661	2,15	5.150	16,77	5.358	17,44	3.396	11,06	30.718
Vale do Paraíba Paulista	4.413	6,49	7.465	10,99	19.819	29,17	4.989	7,34	67.954

Fonte: Elaborado a partir do Censo Demográfico-2000.

IV - Considerações Finais

Em sentido lato, um balanço da inter-relação da migração inter-estadual dirigida aos municípios paulistas e uma dinâmica cultural que assumiu interesse no recorte teórico-metodológico adotado nesse estudo permite afirmar que, em São Paulo, na década de 2000, os repertórios culturais populares, aqui “metonimizadas” pelas festas folclóricas, acham-se amplamente disseminados pelos municípios e regiões do estado, assumindo importância conspícua na constituição de identidades.

Efetivamente, esse estudo buscou elucidar aspectos importantes acerca de uma relação plausível entre Urbanização, Demografia e Cultura, partindo da premissa de que ao se deslocarem as pessoas não carregam consigo apenas ônus ou bônus para lugares de destino ou origem, mas elas são, antes de tudo, portadoras de valores, referências, práticas e saberes que na sua conjunção dão alma e sentido às cidades.

Sob esse aspecto, a partir da investigação aqui proposta ficou muito clara a existência de uma regionalização do patrimônio cultural (com expressões, manifestações e práticas diversas) no estado de São Paulo, em decorrência da forte conformação de aglomerações espaciais de determinadas manifestações (como as Festas Japonesas, no noroeste paulista, ou as Festas Boiadeiras, no norte do estado), que se fazem acompanhar da distribuição espacial dos migrantes aos quais essas manifestações se acham referidas, nesses mesmos espaços, denotando o quanto os deslocamentos populacionais e as circunstâncias históricas de formação social e urbana das cidades paulistas se acham permeadas por uma memória social compartilhada através de repertórios culturais, dentre os quais as festas se destacam, já que, na qualidade de monumentos, elas se constituem em forças poderosas de mobilização dos afetos, eles mesmos catalisadores dos sentidos que colocam as partes e o todo em relação no mundo social dos migrantes.

V – Notas

¹ Deve-se atentar que o conjunto das festas inventariadas pelo Guia Cultural-2003, que abrange desde festas juninas a festas religiosas, festas de rua, folguedos e romarias, além das festas folclóricas, não será abordado nesse texto preliminar, que elegeu as festas folclóricas (por sua diversidade, visto que estas abrangem tanto festas religiosas quanto profanas) como *proxy* para a investigação da inter-relação entre cultura e demografia.

² Unidade espacial definida pelo IBGE (1995), em São Paulo há 15 mesorregiões, quais sejam: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Campinas, Itapetininga, Litoral Sul Paulista, Macro Metropolitana Paulista, Marília, Metropolitana de São Paulo, Piracicaba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Vale do Paraíba Paulista.

³ O Oeste Pioneiro (porção do Estado de São Paulo correspondente às atuais mesorregiões de Araçatuba, Marília, Assis, São José do Rio Preto e Presidente Prudente) recebeu importante fluxo de japoneses que chegou tardiamente ao Brasil, já na década de 1950 (BASSANEZZI, 1992).

⁴ É da maior relevância o fato de que os pernambucanos se orgulham da festa de São João, do município de Caruaru, anunciado como o “maior São João do Mundo” (RIGAMONTE, 1997).

VI – Referências Bibliográficas

AMARAL, Rita C.M.P. Festa à brasileira: Significados do festejar no “país que não é sério”. Tese de Doutorado. SP: FFLCH/USP, 1998.

BASSANEZZI, Maria Sílvia. “Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico”. In: **PATARRA, Neide Lopes** (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1992.

BAENINGER, Rosana. “São Paulo e suas migrações no final do século 20”. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. SP: Fundação Seade, 2005. vol. 19, nº 3, jul-set 05.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papyrus, 1989.

CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. 4º ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. SP: Brasiliense, 2000.

FUNDAÇÃO SEADE. *Informações dos municípios Paulistas*. São Paulo: SEADE, 2005. In: Acesso em 20/06/2005.

GUIA CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO – 2003. São Paulo: Fundação Seade, 2005. In: www.seade.gov.br. Acesso em 20/06/2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Rio de Janeiro: C.E.B, 1945.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico-2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones*. México: Gustavo Gilli, 1987.

MARTINE, George. *Migração e Metropolização*. *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE, 1987.

NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

ORTIZ, Renato. “Cultura Popular: Românticos e Folcloristas”. *Textos 3*. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. São Paulo: PUC-SP, 1985.

_____. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PACHECO, C. A. e PATARRA, N. L. “Movimentos Migratórios nos anos 80: novos padrões?” In: Encontro Nacional sobre Migração. Anais.... Curitiba, 1997

PIRES, Cornélio. Musa Caipira. Tietê: Prefeitura Municipal de Tietê, 1985.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

RODRIGUES, Fabíola et alli. O que tange o intangível? : um ensaio sobre a inter-relação da cultura caipira e a memória social de migrantes na constituição do Patrimônio Imaterial Paulista – as cores e os sabores do Mercado Municipal de Campinas – um estudo de caso. Anais do 4º Seminário de Pesquisa, Memória e Contemporaneidade. Campinas: CMU/FE/Unicamp, 2005.

ZALUAR, Alba. Os Homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. RJ: Zahar Editores, 1983.